
Regiões: sim ou não? Moreira versus Medina

“Descentralização/Regionalização” é o tema do debate inédito que irá colocar frente a frente, na terça-feira, os presidentes das duas maiores autarquias do país. A “Grande Conversa à Porto” terá por palco o Rivoli (18h30, entrada livre), e é uma iniciativa do “Porto, O Nosso Movimento”. Durante o evento, será divulgado um estudo encomendado à Faculdade de Economia do Porto por aquela associação cívica, de que Rui Moreira é um dos fundadores, sobre “Descentralização Administrativa: O caso do Município do Porto”. No prefácio, o autarca traça um retrato negro do país pós-referendo à regionalização — “um corpo macrocéfalo e doente”. Regionalista convicto, Moreira leva na manga três interrogações-base: “Os últimos 20 anos foram de crescimento económico? De ganhos sociais e convergência com a Europa? Os serviços públicos estão melhor distribuídos territorialmente?” A resposta antecipada é “não” e o diagnóstico um país a três velocidades. “O interior que quer crescer mas não pode, o litoral que vai subindo às próprias custas e a capital que tudo pode fazer.” O fenómeno centralista, “que por incrível que pareça afeta até o município de Lisboa”, adivinha-se como mote para ouvir Fernando Medina, que aceitou as competências da descentralização em curso, ao contrário do Porto, que rejeitou todas as áreas a transferir pelo Governo central em 2019/20. Para Francisco Ramos, líder da associação cívica, a grande conclusão do relatório é a de que o Porto “recebe menos do que produz”, desde logo no contributo fiscal. Ao nível do poder de compra dos portuenses em relação à média nacional, o “diferencial negativo” é de 2,1% para 1,1%, sublinhando o relatório a necessidade de garantir níveis mínimos de equidade e de se refletir sobre o processo de descentralização “sem ignorar o modelo de regionalização”.

ISABEL PAULO